

A Revista Arteriais chega ao seu décimo ano de atividades, colaborando com a comunidade científica como espaço de difusão das produções acadêmicas em/sobre Artes e suas interfaces. Estamos preparando algumas novidades para este ano, por meio do projeto de extensão *Revista Arteriais: práticas de escritas acadêmicas em Artes*, que tem por objetivo promover atividades de formação sobre os modos de produção de escrita acadêmica e fomentar as políticas editoriais de periódicos na área de Artes, principalmente a partir das novas diretrizes das políticas de pós-graduação no Brasil.

A presente edição da Arteriais, volume 11, número 19, organiza-se em duas partes: a primeira é composta por artigos e partituras do dossiê temático *Música na Amazônia*, a segunda por artigos e uma tradução na seção de fluxo contínuo.

O dossiê temático *Música na Amazônia*, organizado por Líliam Cristina Barros Cohen, Sonia Maria Moraes Chada (Universidade Federal do Pará) e Tainá Maria Magalhães Façanha (Universidade do Estado do Pará) é composto por oito artigos e duas partituras. A proposta do dossiê surgiu a partir dos campos da pesquisa em música realizadas no âmbito do Laboratório de Etnomusicologia (LabEtno) da Universidade Federal do Pará, e seus grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa Música e Identidade na Amazônia (GPMIA), Grupo de Estudos sobre a Música no Pará (GEMPA), e Grupo de Estudos Musicais da Amazônia (GEMAM), este último da Universidade do Estado do Pará. De acordo com as organizadoras, as questões relacionadas com “a produção, criação, consumo e circulação de música; a transmissão musical; as musicalidades dos povos originários e de tradições afro-amazônicas; os trânsitos musicais de grupos imigrantes; os acervos de som e música; os processos criativos múltiplos e trânsitos musicais na Pan-Amazônia” motivaram a proposta do dossiê.

Naseção Fluxo Contínuo, temos quatro artigos e uma tradução. Arnaldo Leite de Alvarenga abre a seção

dos artigos com o texto *UMA HISTORIOGRAFIA PARA AS DANÇAS BRASILEIRAS: POSSIBILIDADES*, que busca refletir sobre uma historiografia para a dança brasileira, lançando “um olhar sobre alguns percursos construídos, não necessariamente, como uma historiografia nos moldes tradicionais e suficientemente ampla, mas esforços de registro e preservação sobre uma memória, para além daquela registrada nos corpos dos executantes que dão vida ao fazer dança em nosso país”. Em seguida, temos o artigo de Leonel Martins Carneiro, *EXPERIÊNCIA EM TEATRALIDADES INDÍGENAS CONTEMPORÂNEAS: UM DIÁLOGO COM TIZIANO CRUZ NO FESTIVAL DE AVIGNON*, que “propõe uma reflexão sobre experiências de teatralidades indígenas no teatro contemporâneo, considerando os polos artístico e estético”, a partir de “um diálogo com o espetáculo *Soliloquio* de Tiziano Cruz, apresentado no 78º Festival de Avignon (França-2024)”. Yasmim Prestes Batista Garcia, em *A FORMAÇÃO DOCENTE, O CURRÍCULO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS: O CASO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS*, apresenta, como resultado de sua pesquisa de mestrado, um debate sobre as políticas educacionais voltadas à formação docente, “com ênfase nos encaminhamentos voltados às Artes Visuais e sua inserção na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. A seção finaliza com o texto *A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO EM A ARTE BRASILEIRA, DE GONZAGA DUQUE*, de Thiago Freitas Herdy Lima, com uma análise da “influência do positivismo na obra *A arte brasileira* de Gonzaga Duque, publicada em 1888”, mostrando como “o crítico brasileiro se apropriou das ideias de pensadores positivistas como Hippolyte Taine, Eugène Véron, Henry Havard e Ernest Chesneau para formular sua crítica da arte brasileira”.

O número finaliza com a tradução do texto *TERRITÓRIO EM DEBATE: POR UMA LINGUAGEM CRÍTICA PARA A ARTE PÚBLICA*, de Suzanne Lacy, por Dóris Karoline Rocha da Costa e Ival de Andrade Picanço Neto. Segundo os tradutores, “o ensaio de Suzanne Lacy foi publicado no livro

Mapping the Terrain: new genre public art (1995), com o objetivo de contribuir com a crítica de arte acerca do novo gênero de Arte pública. Esta nova Arte pública é engajada politicamente e feita por artistas que, indissociavelmente, participam da sociedade enquanto artistas-cidadãos [...]. A artista argumenta em prol da resignificação e do uso diferenciado destes termos, já que a nova Arte pública se distancia do ideal tradicional monumental, abrangendo contextos culturais diversos, logo, diferentes públicos”.

A equipe da *Arteriais* deseja uma boa leitura!

Denis Bezerra
Editor-chefe